

Hospitais da rede pública estão sucateados

Wanderlei Pozzembom

Vazamentos da rede de esgoto no interior dos prédios, venezianas metálicas com risco de desabamentos, infiltrações de água nos tetos, UTI com problemas na rede elétrica e berçário sem ventilação.

Estes são apenas alguns dos problemas enfrentados pelos 13 hospitais públicos do Distrito Federal que, se fossem enfrentados, consumiriam R\$ 54 milhões.

Os dados integram levantamento feito pela Secretaria da Saúde. Os casos mais críticos são os hospitais do Gama e da Ceilândia. O primeiro carrega o título de dono da pior Emergência de toda a rede oficial.

Outro hospital em situação bastante crítica é o da Asa Sul (HRAS).

O berçário de lá — onde morreram quatro crianças num só dia em julho deste ano, vítimas de infecção — precisa de reforma para aumentar a ventilação.

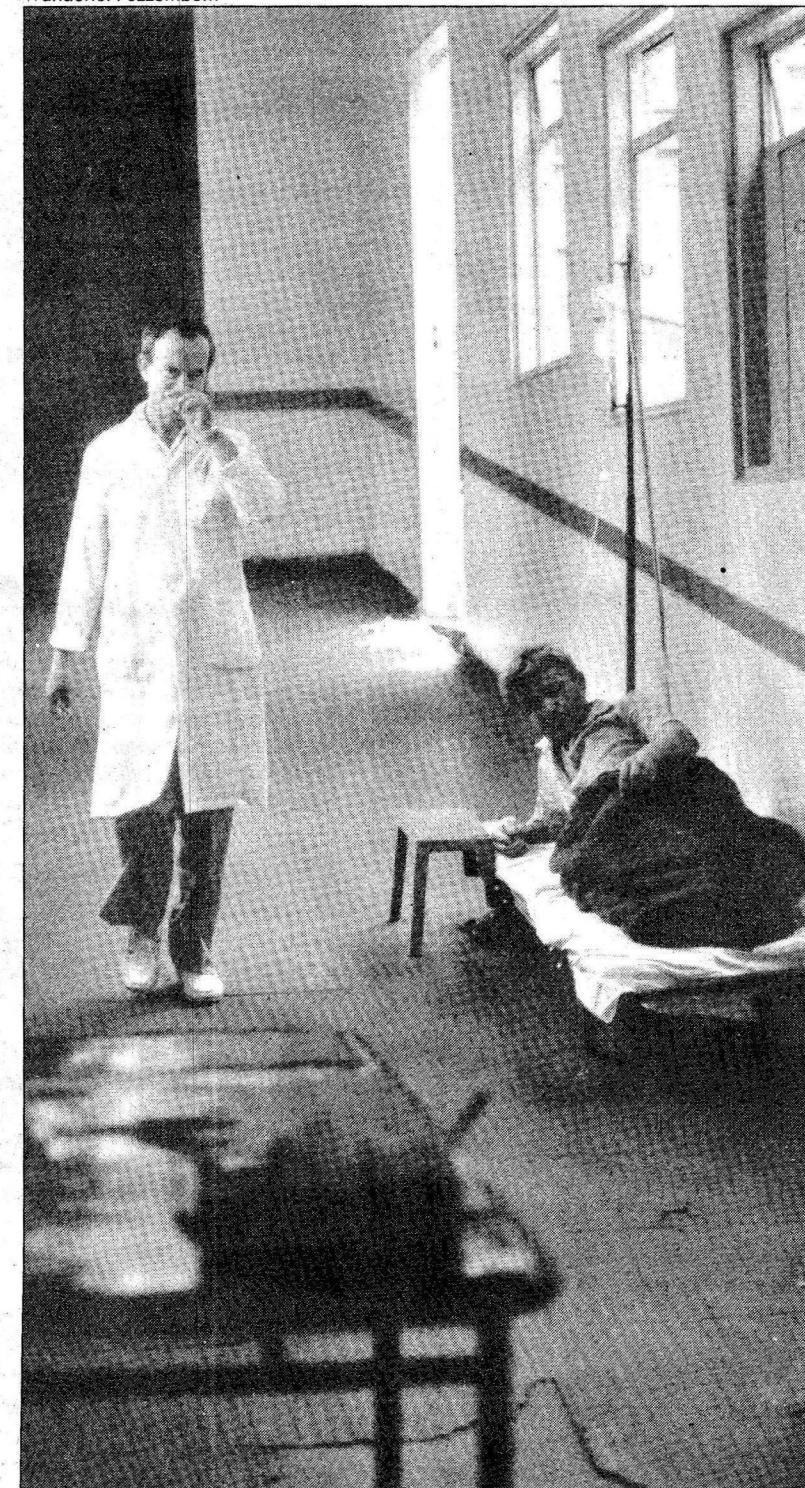
Ar — Para o secretário adjunto de Saúde, Antônio Alves, a falta de ventilação, “além de causar desconforto para as pessoas que trabalham lá, provoca a concentração de bactérias e outros microorganismos no ar, o que facilita surtos de infecção”.

O problema de ventilação no berçário, frisa Alves, se deve ao fato de o hospital ter sofrido várias reformas sem nenhum planejamento. “Da planta original não sobrou nada”, informa.

Mas este é só um dos muitos problemas do HRAS que se estendem ainda pelo Centro Cirúrgico (que sofre infiltração de água), pela Emergência (pequena demais) e outras áreas.

O Hospital de Base de Brasília, onde na última quarta-feira um cano estourado molhou mais de 50 pacientes da Emergência, é outro na lista negra da Fundação Hospitalar.

Os problemas começam na cobertura (infiltração de água), descem pelas venezianas metálicas oxidadas, com risco de desabamento, e terminam na rede elétrica do setor de trauma da Unidade de Tratamento Intensivo (UTI).



HRC: nem estrutura prevista para inauguração, em 1983, foi atingida